

**A lenda do Caboclo D'água: uma  
trajetória enunciativa folkcomunicativa**  
*[The legend of the Caboclo D'água: a  
folkcommunicative enunciative trajectory]*

**SIMONE DOS SANTOS MENDES**

Doutora em Letras: Estudos Linguísticos, pela Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil. Bolsista do Programa Nacional de Pós-Doutorado (PNPD-CAPES), junto à Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, Brasil.

[simoneletras@yahoo.com.br]

---

1 O presente artigo apresenta resultados parciais da pesquisa intitulada “Memórias marianenses: uma análise discursiva da experiencição dialogada”, que está sendo realizada no âmbito da pesquisa de Pós-doutorado, desenvolvida por nós, na Universidade Federal de Ouro Preto, sob supervisão do Professor Doutor William Augusto Menezes. A pesquisa conta com o apoio financeiro do Programa Nacional de Pós-doutorado da CAPES.

## RESUMO

Se verdade ou mentira, o fato é que a lenda do Caboclo D'água, presente em várias cidades brasileiras, está mais viva do que nunca. De 2009 para cá, a lenda se transformou em um fenômeno midiático, que teve como implicações mais imediatas a inauguração de uma estátua de dois metros na entrada da cidade de Barra Longa/MG e a criação de uma Associação de Caçadores de Assombrações, que vem se dedicando à captura do Caboclo D'água, oferecendo, inclusive, um prêmio de R\$ 10.000,00 para quem conseguir tirar uma foto da criatura. Diante disso, o presente trabalho objetiva analisar, do ponto de vista discursivo, a (re)construção moderna da lenda por veículos midiáticos e por moradores que afirmam terem visto a criatura. Além disso, pretende-se refletir sobre os impactos da mediatização sofridos pela lenda, do ponto de vista de sua construção linguageira. O aporte teórico utilizado por nós está ligado ao conceito de *arquivo*, de Foucault (1995), de *folkcomunicação* (BELTRÃO, 1967), de *folkmidia* (LUYTEN, 2002) e das reflexões de Bravin (2011) sobre a repercussão da lenda em jornais impressos e na internet.

## Palavras-chave

Análise do Discurso; Arquivo; Folkcomunicação; Folclore; Lenda do Caboclo D'água.

## ABSTRACT

*Truth or not, the fact is that the Caboclo D'água's legend, present in various Brazilian cities, is more alive than never. From 2009 up till now, the legend transformed itself into a mediatic phenomenon, with one of the most immediate implications being the inauguration of a two-meter-high statue at Barra Longa's city entrance (Minas Gerais/Brazil) and the creation of a Ghost Hunter Association, dedicating itself to capturing the Caboclo D'água - the association even offering a R\$ 10,000.00 reward to who succeeds in taking a picture of the creature. Moreover, the present work aims at analyzing, from the discursive point of view, the modern (re)construction of the legend through mediatic means and dwellers claiming to have seen the creature. Furthermore, we intend to reflect on the impacts of mediatization suffered by the legend, from its discursive construction point of view. The theoretical contribution we used is linked to Foucault's archive concept (1995), folkcommunication (BELTRÃO, 1967), folkmedia (LUYTEN, 2002), and Bravin's reflections (2011) on the legend's mediatic repercussion in newspapers and on the Internet.*

## Key-words

*Speed analysis; Archive; Folkcommunication; Folclore; Caboclo D'água legend.*

## Introdução

*“Para mim, o folclore não tem que ser preservado, mas sim alimentado”.*

(Leandro Henrique dos Santos,  
Editor do jornal *O Espeto*)

A lenda do Caboclo D’água, presente na tradição oral de várias comunidades brasileiras – a exemplo das regiões ribeirinhas do Rio São Francisco, da cidade de Nova Era/MG e de cidades como Mariana e Barra Longa, localizadas na Região dos Inconfidentes, em Minas Gerais, tem ampliado o seu alcance nos último três anos. Passando a fazer parte do repertório de outras comunidades por meio da difusão midiática dessa narrativa, o fenômeno merece reflexão, já que contribui para a divulgação da lenda e para as alterações de sentido que sofre ao longo do tempo, sobretudo, no que tange à sua transmissão oral.

Durante o ano de 2011, foi possível perceber a proliferação de textos, ligados a acontecimentos recentes vivenciados por moradores locais e noticiados pelo jornal *O Espeto*, de Passagem de Mariana, o qual passou a publicar sistematicamente uma gama de depoimentos de ataques do “monstro” a moradores, animais e pescadores que se arriscaram à beira do rio. Tais acontecimentos reacenderam o mistério em torno da criatura, alimentando a lenda e chamando a atenção da população em geral, de músicos, diretores de cinema, autoridades locais, artesãos e representantes da imprensa regional e nacional.

Tal repercussão nos despertou interesse não só pela quantidade significativa de textos provenientes da lenda, mas da estreita relação que mantinham entre si, do ponto de vista de uma relação interdiscursiva e intertextual, o que nos permitiu aventar a hipótese de que esses textos contribuíssem para a formação de um arquivo em torno da lenda. Esse arquivo, por sua vez, parece manter relação com práticas discursivas, as quais são intituladas por teóricos da Comunicação Social como *folkcomunicativas* e/ou *folkmediáticas*. Falaremos desses conceitos mais adiante.

Diante dessas hipóteses, os objetivos subjacentes ao presente artigo são mapear o arquivo de textos gerado a partir da lenda do Caboclo D’água e mapear quais as funções sociais que cada texto assume nessa rede discursiva, partindo do pressuposto de que a lenda nasce nas práticas discursivas orais, fomentadas pelas pessoas das comunidades locais.

De forma tangencial, pretendemos também refletir sobre os impactos da midiática sofridos pela lenda, do ponto de vista de sua construção discursiva e de sua reconfiguração no espaço público.

## 1. Versões da lenda: das práticas discursivas orais às práticas discursivas midiáticas

O primeiro relato sobre a lenda ao qual tivemos acesso caracteriza o Caboclo D'água como um garimpeiro mestiço, filho de negro com índio, que, insatisfeito com a sua condição de escravo, foge em busca de sua liberdade. Porém, um capitão do mato, a serviço do dono do escravo, sai à procura do Caboclo no intuito de capturá-lo e de castigá-lo pela ousadia da fuga. O capitão o encontra, o açoitava e, pensando que o mestiço se encontrava morto, joga-o no rio. No entanto, o escravo fugido, ainda com vida, consegue sair do rio e, com sede de vingança, volta para “caçar” tanto o capitão do mato quanto o seu mandante. Não se sabe ao certo se o Caboclo conseguiu atingir o seu intento, mas o fato é que, desde então, ele vive no rio, assombrando quem ousa se aproximar de sua morada.

Na *internet*, há também várias versões, mas a que nos chamou mais a atenção, em função da presença do ouro, foi a que nos apresenta o Caboclo D'água como um gigante que mora no lugar mais fundo do rio São Francisco, em uma gruta toda feita de ouro, persegue os barqueiros, as embarcações e também afugenta os peixes só para maltratar os pescadores. Quando os pescadores sentem que estão sendo perseguidos pelo Caboclo D'água, oferecem-lhe um pedaço de fumo, o que aparentemente o acalma. Segundo essa versão da lenda, algumas pessoas já tentaram chegar à gruta em função do ouro, mas todas foram encontradas mortas algum tempo depois<sup>2</sup>.

A versão mais recente que encontramos é a veiculada pelo jornal *O Espeto*, segundo a qual o Caboclo D'água seria um

monstro meio lagartixa, macaco e galinha que ataca às margens do Rio do Carmo, de Mariana até Barra Longa. Muitos avistamentos, em tempos diferentes e três retratos falados. Época dos ataques: setembro a dezembro. Muitos ataques, dois com vítimas fatais. Um rapaz foi atacado junto com amigos e ficou sem saco! Morreu rapidamente. Bombeiros fizeram o resgate, mas não souberam identificar qual animal mordeu o rapaz. Aparição com mais pessoas num garimpo no distrito de Bandeirantes, cortado pelo Rio do Carmo, onde o caboclo D'água entrou e tiveram que parar os serviços<sup>3</sup>.

Podemos notar, lendo a descrição anterior, uma compilação de fatos noticiados pelo jornal que, como uma sucessão de manchetes, ganham destaque na caracterização do personagem lendário. As ações realizadas pelo

2 Disponível em: <<http://pt.shvoong.com/humanities/1733976-lendas-brasileiras-caboclo-%C3%A1gua-nordeste/>>. Acesso em: 25 nov. 2011.

3 Disponível em: <[www.oespeto.com.br](http://www.oespeto.com.br)> Acesso em: 10 mar. 2012.

referido “monstro” são descritas como ataques, somados ao tom misterioso que ecoa da “aparição” do Caboclo a pessoas num garimpo, o que parece trazer, novamente, o ouro como peça chave para se entender os aspectos ligados à lenda, como o *locus* das aparições, o perfil das vítimas e o tom misterioso que permite ao jornal se lançar numa espécie de jornalismo investigativo, alimentando e amplificando a “saga” do Caboclo D’água na região.

Os impactos midiáticos sobre a lenda são visíveis, sobretudo, quando vemos, ao acompanhar os acontecimentos noticiados pelo jornal, que a narrativa, publicada pela primeira vez na seção *Nossos causos*<sup>4</sup> passa, a partir do caso do rapaz que teve os testículos arrancados, a ser noticiada como caso de polícia, o que parece ter alterado consideravelmente a relação do jornal com a lenda.

Outro fato que corrobora a mudança da relação do jornal com a lenda foi a criação da ACAM (Associação dos Caçadores de Assombração e Monstros), presidida por Vicente Bispo (chefe da Segurança da UFOP), incentivada por Milton Brigolini (Professor da Escola de Minas da UFOP) e divulgada por Leandro Henrique dos Santos (editor do *O Espeto*).

Por meio do jornal, tomamos conhecimento do *I Encontro de Caçadores de Assombração*, fato que nos motivou a enviar um *e-mail* para os organizadores do evento, a fim de obter informações acerca da inscrição, local e data do evento. No *e-mail*, solicitamos também autorização para registrar o encontro com equipamento de áudio e vídeo, justificando a importância do registro para fins de pesquisa.

A resposta da ACAM veio em “tom” de muito mistério e assombro, repleta de aconselhamentos quanto aos riscos da gravação do encontro, uma vez que, segundo o nosso interlocutor, as assombrações se manifestam por meio de ondas eletromagnéticas, o que poderia danificar os equipamentos. Na mensagem, o local, a data e a hora do encontro foram mantidos em segredo. Foi-nos informado que receberíamos, minutos antes do evento, uma mensagem no celular, contendo tais informações. Além disso, deveríamos preencher um termo de compromisso, isentando o Jornal de qualquer responsabilidade, no caso de sermos vítimas de represália, vingança ou desforra de assombração. Ao final da mensagem, o remetente nos chama a atenção para o fato de que “qualquer manifestação de medo, ‘má nota’, ‘tremedeira’, será encaminhada para a seção ‘FICA FEIO’ DO JORNAL O ESPETO<sup>5</sup>, para publicação”, e se despede com “Saudações assombrascas”<sup>6</sup>.

4 A seção *Nossos Causos* se destina à publicação dos causos e lendas narrados pelos moradores da região e leitores do Jornal *O Espeto*.

5 A seção *Fica Feio*, do jornal *O Espeto*, é uma coluna de fofocas, que divulga acontecimentos ligados ao “mau comportamento” de moradores da região.

6 Trecho extraído de uma troca de *e-mails* realizada entre os dias 15 e 16 de junho de 2011, com um dos membros da Associação.

A ACAM, por meio do *O Espeto*, obstinada a capturar o monstro, divulga retratos-falados, conforme a fig.1, estratégia tipicamente utilizada para auxiliar a polícia a capturar criminosos procurados pela justiça. Os retratos-falados renderam, inclusive, a oferta de uma recompensa de R\$ 10.000,00 para quem conseguisse uma foto da criatura. Ninguém conseguiu uma foto até o momento, mas a recompensa ainda continua sendo oferecida pela Associação.



**Figura 1:** retratos-falados do Caboclo D'água

As ações da ACAM não param por aí. Os participantes organizaram, em 31 de junho de 2011, a *I Caçada ao Caboclo D'água*, que culminou no “sumiço” do professor Milton e no seu reaparecimento no hospital, no dia seguinte. Ele afirma que se perdeu no mato, foi atacado pelo Caboclo e teve que ser levado para o hospital. A caçada contou com a participação de várias pessoas, que, munidas de instrumentos para a captura do monstro, lotaram um ônibus, fretado especialmente para a caçada. A aventura contou com o apoio do Corpo de Bombeiros de Ouro Preto, que acompanhou as buscas caso houvesse algum ataque da criatura.

Mais recentemente, a Associação conseguiu colher amostras de unha do Caboclo, deixadas em um arranhão sofrido por Daniel Mucci, representante da ACAM em Barra Longa, na ocasião de um ataque sofrido quando Mucci foi verificar algumas armadilhas<sup>7</sup>. A intenção é fazer o mapeamento genético do monstro, o que vai, inclusive, introduzindo efeitos de realidade na lenda, aguçando a curiosidade das pessoas em acompanhar cada um dos episódios da saga.

Esta foi uma pequena amostra do conjunto de textos gerado em torno da lenda do Caboclo D'água e sua relação com as práticas linguageiras de uma mídia local. Do ponto de vista dos estudos discursivos, interessa-nos

<sup>7</sup> O ESPETO. *Amostras de unha do Caboclo D'água são levadas para análise*. Ano XIV, n. 172, 3ª semana de março de 2012.

saber como caracterizar o processo de geração desse conjunto de textos, conceitualizando-o, a fim de compreender quais são os aspectos que permitem que tais textos se aproximem, formando uma rede textual-discursiva.

## 2. A noção foucaultiana de arquivo

Parece-nos que a noção foucaultiana de arquivo, embora mais conceitual do que operacional, é bastante fecunda para se pensar o processo de geração e agrupamento de textos acerca da lenda do Caboclo D'água, uma vez que diz respeito às condições de emergência dos enunciados, à lei de sua coexistência com outros enunciados e à forma específica de seu modo de ser.

O arquivo, para Foucault, não é visto como algo estático “que protege [...] o acontecimento do enunciado e [o] conserva, para memórias futuras” (1995, p. 149), mas, ao contrário, o arquivo diz respeito às condições de enunciabilidade dos acontecimentos, isto é, à “lei do que pode ser dito” (p. 149). O arquivo está, portanto, relacionado a uma “prática que faz surgir uma multiplicidade de enunciados como tantos acontecimentos regulares” (p. 150), em constante formação e transformação.

A arqueologia seria, então, um método que tem como fundamento descrever os discursos como práticas específicas no interior do arquivo, o qual, nas palavras do autor, está associado

ao sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares e que cumpre a função de fazer com que todas as coisas ditas não se acumulem indefinidamente em uma massa amorfa, não se inscrevam, tampouco, em uma linearidade sem ruptura e não desapareçam ao simples acaso de acidentes externos, mas que se agrupem em figuras distintas, se componham umas com as outras segundo relações múltiplas, se mantenham ou se esfumem segundo regularidades específicas (FOUCAULT, 1995, p. 149).

Foucault, no entanto, embora tenha nos deixado pistas importantes para compreendermos o seu método e suas preocupações com o nível discursivo da produção de enunciados, não especificou o funcionamento do que ele chama de “sistema de enunciabilidade” ou mesmo das “regras que caracterizam uma prática discursiva”.

Diante disso, fomos buscar em outros autores respostas que pudessem nos ajudar a compreender tais regras de enunciabilidade, a exemplo de linguistas contemporâneos, como Patrick Charaudeau (1992/2008), que têm se preocupado em descrever princípios e regras de produção de enunciados no interior das práticas de linguagem.

Nessa perspectiva, diríamos que um arquivo pode se caracterizar como uma rede textual-discursiva, regida por elementos tais como: a) *a tematização*<sup>8</sup>, ou seja, uma mesma temática pode aproximar diferentes gêneros, fortalecendo toda a rede textual-discursiva, como é o caso da temática do Caboclo D'água; b) *o modo de organização do discurso*<sup>9</sup>, isto é, textos organizados, predominantemente, sob o mesmo modo de organização se aproximam na formação de um arquivo, o que nos permite ver uma lenda, caracterizada pelo modo narrativo, ser retextualizada em uma notícia ou um *fait divers*; e c) *os efeitos de patemização*<sup>10</sup>: textos que projetam os mesmos efeitos de patemização tendem a se aproximar, assim como os efeitos traduzidos por uma mistura de emoções possíveis de serem sentidas pelo leitor-ouvinte, face aos textos, que compõem o arquivo, a exemplo do medo, do humor e do estranhamento, afinal de contas não deve ser nada agradável se deparar com uma criatura fruto do cruzamento de macaco, lagartixa e galinha, na beira de um rio.

### **3. A lenda do Caboclo D'água: uma trajetória enunciativa folkcomunicativa**

O termo trajeto, do latim, *trajectus*, significa, no sentido moderno e dicionarizado da palavra, “espaço que é preciso percorrer para ir de um lugar a outro”<sup>11</sup>. Nesse sentido, um trajeto pressupõe um ponto de partida e um ponto de chegada, marcados espaço-temporalmente, o que nos permite, por exemplo, calcular o tempo e a distância necessária para ir de uma cidade a outra.

Uma trajetória enunciativa, ou seja, um determinado trajeto percorrido por um texto num dado momento histórico e numa dada localização geográfica, pode ser mapeado e descrito, tendo em vista a reunião de textos, os quais dialogam intertextualmente com a lenda.

Para se entender o percurso enunciativo da lenda no interior de um arquivo, é preciso refletir sobre as práticas languageiras das quais esses textos emergem, de que ponto essas práticas partem e para onde se direcionam.

Se não é possível precisar o surgimento da lenda, podemos inferir, em função da presença do mestiço escravo e garimpeiro, que, pelo menos na Região dos Inconfidentes/MG, ela tenha surgido no Ciclo do Ouro,

8 (CHARAUDEAU, 1992-2008).

9 Segundo Charaudeau, os modos de organização do discurso se dividem em quatro: o enunciativo, o descritivo, o narrativo e o argumentativo. (CHARAUDEAU, 1992-2008, p. 74).

10 (MENDES, 2011, p. 143).

11 Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa, 2005.

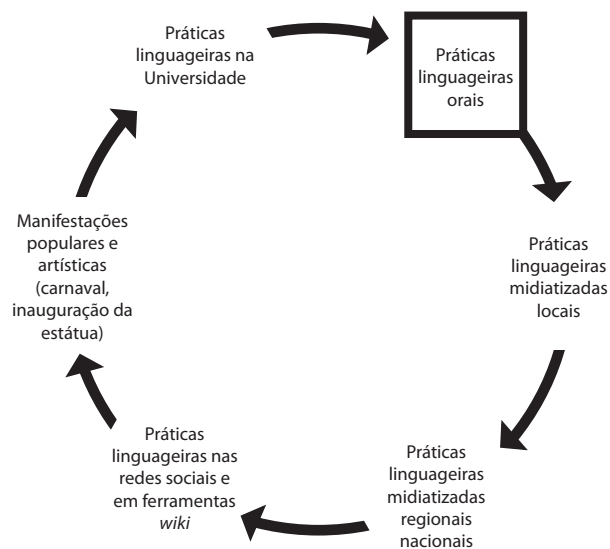


período áureo de exploração de minas de ouro, que compreende os séculos XVII e XVIII.

A versão publicada no *O Espeto* parece ser uma variação das outras duas versões, com a modificação e amplificação de alguns aspectos, a exemplo da caracterização física do Caboclo, à qual passa de mestiço escravo, para uma criatura estranha com aparência semelhante a das criaturas de filmes de ficção científica, fruto de uma mistura de galinha, lagartixa e macaco.

Outro aspecto importante para se pensar a origem da lenda seria situá-la a partir das práticas linguageiras orais, fomentadas pelas pessoas no dia a dia. Caracterizando a sua trajetória enunciativa, tendo em vista o *locus* da Região dos Inconfidentes, poderíamos dizer que a lenda nasce nessas práticas orais, circula por diversas outras práticas discursivas, a exemplo das veiculadas pelas mídias locais de informação, e retorna às práticas orais, num movimento circular, fortemente marcado por relações intertextuais e interdiscursivas, as quais permitem que esses textos fiquem disponíveis em rede, tecidos e alinhavados por princípios organizadores semelhantes.

Tal trajetória pode ser visualizada na fig. 2.



**Figura 2:** o arquivo textual-discursivo da lenda do Caboclo D'água

A presença da lenda em práticas de linguagens distintas é caracterizada, no campo da Comunicação Social, como uma interação folkcomunicativa, de acordo com a perspectiva de Luiz Beltrão (1967), precursor dos estudos folkcomunicativos no Brasil, segundo o qual a noção poderia ser caracterizada pela “vinculação estreita entre folclore e comunicação popular [...]”.

O conceito parece relevante aos estudos discursivos, uma vez que nos permite compreender a dimensão, a importância e os impactos do folclore nas interações comunicativas, de modo que é possível, inclusive, justificar o diálogo existente entre os textos, produzidos em torno da lenda, conforme representação do arquivo, apresentada na fig. 2.

Vale destacar que o conceito de folkcomunicação, tal como Beltrão o apresenta, tem o mérito de utilizar a palavra “intercâmbio” para definir a relação que se estabeleceria entre os “agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore”. De fato, o termo pressupõe a ideia de reciprocidade, ou seja, “[...] relação entre dois ou mais elementos quaisquer do mundo natural que são percebidos simultaneamente no espaço, de forma complementar e interativa”<sup>12</sup>.

Nesse sentido, as lendas, transmitidas oralmente, e os jornais populares, que tematizam as lendas e tradições locais, como é o caso do *O Espeto*, da cidade de Passagem de Mariana, poderiam ser vistas como produtos advindos de interações folkcomunicativas, pois contribuem não só para a divulgação das lendas locais, mas também participam ativamente do processo de transformação dessas lendas, na medida em que são lidas-ouvidas pela população local, fazendo-as retornar para a cadeia de narrativas orais com os novos elementos adquiridos nesse processo.

Nas trilhas de Beltrão, outros teóricos como Roberto Benjamin e Joseph Luyten teceram importantes contribuições ao campo dos estudos folkcomunicativos. Luyten (2002), por exemplo, apresenta-nos a noção de *folk-mídia* com o objetivo de ampliar a visão acerca da relação entre folclore e comunicação, tal como a apresentada por Beltrão, de modo que a noção de *folk-mídia* estaria ligada

aos processos por meio dos quais os meios de comunicação de massa recuperam e recodificam as manifestações populares, seus códigos, seus simbolismos e sua iconografia, bem como a influência dos produtos da cultura de massa no âmbito da cultura popular (LUYTEN, 2002 *apud* BRAVIN; MATA, 2011, p. 3).

A formulação de Luyten delimita a relação entre folclore e comunicação, ao associar o conceito de *folk-mídia* aos meios de comunicação de massa, em sua interface com as manifestações populares. Essa delimitação, no entanto, em vez de ampliar o alcance do conceito, tal como se propõe a fazer, parece polarizar a relação entre mídia e folclore, ressaltando uma pressuposta primazia dos meios de comunicação sobre as manifestações populares, ao utilizar termos como “recuperar” e “recodificar”, associando-os às ações das

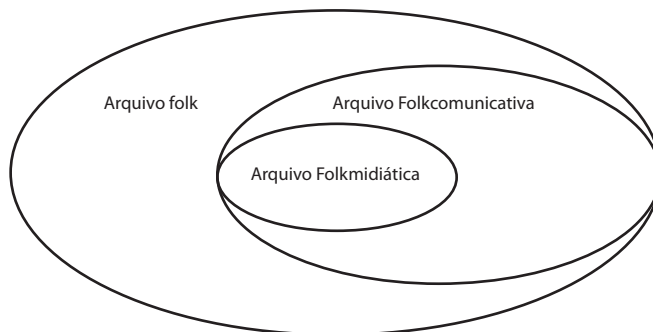
---

12 Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa.

mídias sobre o folclore. Ademais, Luyten reforça a influência que a cultura de massa exerce no âmbito da cultura popular, fato que, embora possa ser reconhecido, pode distorcer a imagem que se tem da cultura popular, conferindo a ela um lugar inferiorizado e alijado face ao domínio exercido pela cultura de massa na sociedade contemporânea. Segundo Rosa Maria Nava (2002, p. 1), a *folkcomunicação* “é o estudo dos processos comunicacionais do povo (...) referindo-se ao povo, aqueles que não se utilizam dos meios formais de comunicação”. A autora aponta ainda para um processo de retroalimentação folkcomunicativo que diz respeito a um sistema estruturado em dois estágios simultâneos: no primeiro, verifica-se uma utilização, pelos meios de comunicação de massa, de elementos advindos das manifestações populares; e, no segundo, verifica-se uma utilização, pelos grupos de cultura popular ou folclore, das informações transmitidas pelos meios de comunicação de massa (2002, p. 2).

A acepção do termo, tal como nos apresenta Rosa Nava, nos permite repensar, reformular a noção de *folkcomunicação*, associando-a à noção de *folkmidia*. Vejamos: as práticas languageiras em que se vê a presença das mídias de informação e de entretenimento integrariam um subconjunto de práticas no interior da rede folkcomunicativa, a partir dos dois estágios apontados pela autora. Isso significa dizer que as práticas folkcomunicativas antecedem as práticas folkmidiáticas, pois englobam todas as formas de comunicação anteriores e concomitantes ao surgimento dos meios de comunicação de massa.

Esquemáticamente, a relação entre esses conceitos pode ser expressa por meio de elipses (fig.3), que mantem pontos de contato em função de determinados princípios organizadores (tematização, modos de organização do discurso e efeitos de patemização).



**Figura 3:** O arquivo *folk*

Esses princípios parecem ser textualizados por meio, sobretudo, do princípio de intertextualidade (Beaugrande & Dressler, 1983; Costa Val, 1999; Bazerman, 2006; Koch *et al.*, 2007, no âmbito da Linguística Textual), o qual corresponde às relações implícitas e explícitas que um texto estabelece com outros textos. Uma análise mais detida da intertextualidade presente nos textos do arquivo *folk*, ao qual estamos nos referindo, faz-se necessária, a fim de compreendermos as razões pelas quais outros textos são usados e como o produtor se posiciona diante desses textos, à medida que os enuncia. Porém, em função dos objetivos elencados para o presente artigo, não será possível descrever as relações intertextuais existentes entre tais textos. Por enquanto, basta-nos perceber a presença desses pontos de contato, os quais possibilitam o agrupamento dos textos no arquivo *folk*, tal como representado na fig. 3.

Enfim, diríamos que, na perspectiva da noção foucaultiana de *arquivo*, os processos *folkmediáticos* podem ser vistos enquanto partes integrantes das práticas *folkcomunicativas*, às quais compõem o arquivo de textos, gerado em torno da temática do folclore, contribuindo para a sua ampla divulgação, preservação e reforçando o imaginário em torno dessa temática.

#### 4. A presença da lenda em práticas de linguagem distintas

Para exemplificar a presença da lenda em práticas languageiras, que compõem a sua trajetória enunciativa, e, por conseguinte, o arquivo *folk*, podemos citar uma série de notícias, reportagens e entrevistas veiculadas pelas redes de televisão, tais como: a entrevista realizada com o editor do *O Espeto*, Leandro Henrique dos Santos, no *Programa do Jô*, em 29/11/2011; a reportagem veiculada pelo programa *Terra de Minas*, da Rede Globo, em 07/11/2011; as notícias publicadas pela TV Record, pelo *Jornal Nacional*<sup>13</sup>, pelo programa *Mais Você*, da apresentadora Ana Maria Braga<sup>14</sup>, e pela TV Alterosa, em 26/06/2011 etc.

Com relação às práticas de linguagem ligadas às redes sociais, é possível visitar o perfil do Caboclo D'Água no *Facebook* e até se inscrever, tornando-se “amigo” do monstro, ao lado de mais de 1000 assinantes.

O termo também já conta com um verbete na Wikipédia, enciclopédia virtual livre, cuja construção é aberta ao público internauta em geral.

13 Disponível em: <<http://videos.r7.com/criatura-desconhecida-ataca-animais-no-interior-de-minas-gerais/idmedia/4e0c49e7b51aec656aa9ea9e.html>>. Acesso em: 20 abr. 2012.

14 Mineiros estão à caça do Caboclo d'Água, Programa Mais Você, Rede Globo. Disponível em: <<http://maisvoce.globo.com/videos/v/mineiros-estao-a-caca-do-caboclo-dagua/1549514/>>.



Figura 4<sup>15</sup>: perfil do Caboclo D'água no Facebook

A lenda também ganhou projeção em manifestações populares e artísticas, como a inauguração de uma estátua de dois metros de altura, no portal de entrada da cidade de Barra Longa/MG, no dia 10/09/2011. O evento contou com a presença do prefeito da cidade, Fernando Carneiro, de vereadores e de secretários municipais. *Kits* do Caboclo D'água, com uma miniatura da estátua, foram oferecidos a alguns homenageados, como o professor Milton Brigolini e Antônio Felipe, um barralanguense de 82 anos, que afirma ter sido atacado pelo Caboclo D'água e até ter se tornado amigo dele. A inauguração foi seguida de uma grande festa na praça principal da cidade, com exposição de artesanato, barraquinhas de comida e um grande palco, onde aconteceu um *show* de atrações musicais.



Figura 5: estátua do Caboclo D'água em Barra Longa/MG

Fonte: estátua do Caboclo D'água à esquerda e miniatura da estátua à direita.

Foto de acervo pessoal, tirada em 10/09/2011.

<sup>15</sup> Disponível em: <<http://www.facebook.com/profile.php?id=100002608741235#!/profile.php?id=100002608741235&sk=wall>>. Acesso em: 20 abr. 2012.

Certamente, não há como negar a presença de interesses políticos e turísticos subjacentes à inauguração da estátua, o que pode ser corroborado pela presença de quase todas as autoridades locais e do *marketing* realizado pela venda de miniaturas da estátua, de cachaças rotuladas com a foto do Caboclo, de artesanato e da distribuição de adesivos com frases de incentivo à visita à cidade para desvendar os mistérios da criatura.

Contudo, o que mais nos chamou a atenção foi o fato de ver como a lenda ganhou espaço e visibilidade após percorrer uma trajetória enunciativa, que passa pelas mídias de informação locais, regionais e nacionais, ganha novos contornos, do ponto de vista dos elementos presentes na narrativa e dos gêneros textuais<sup>16</sup>, e volta sempre para o seu ponto de partida: as práticas de linguagem orais, fomentadas pela boca do povo.

Foram muitas as vezes que pude ouvir pessoas comentando sobre a lenda nas ruas, praças e restaurantes de Mariana, por exemplo. Além disso, conversei com alguns moradores que viram a fera, como o Sr. Antônio Felipe e Daniel Mucci, na ocasião da inauguração da estátua em Barra Longa.

No campo das práticas discursivas fomentadas na Universidade, destacamos o artigo publicado pelas professoras Adriana Bravin e Giulle da Mata, do Curso de Comunicação Social da UFOP e do *Dôssiê Caboclo D'água*, produzido por alunos do curso de Letras da UFOP e publicado no *BoletimDeLetras* ([www.boletimdeletrasufop.blogspot.com](http://www.boletimdeletrasufop.blogspot.com)), espaço destinado à publicação da produção textual dos alunos do curso de Letras da UFOP.

## Conclusão

Provavelmente, enquanto finalizo este artigo, a lenda do Caboclo D'água deve estar por aí, sendo difundida pelas pessoas em suas casas, nas mesas de bares, nas ruas, na *internet* ou mesmo nas mãos de um jornalista, porque um arquivo não é um objeto estático, como a noção desse termo pode sugerir, se tomarmos a acepção que caracteriza o arquivo como acervo onde se guardam papéis e documentos antigos, mas um espaço de circulação de textos, que se influenciam mutuamente, num processo de constante retroalimentação. As diversas instâncias produtoras desses textos, cientes dessa movimentação e dessa vivacidade, contribuem para que o folclore não seja só preservado, mas alimentado todos os dias.

Vale destacar, ainda, que os meios de comunicação integram a rede

<sup>16</sup> Registramos também a presença da lenda em poesias (Carmen Lúcia Ferreira, Barra Longa, 1994), letras de música (*Caboclo D'água em Barra Longa*, de Jeferson Coimbra), marchinha de carnaval (tema do bloco Farrapos, do carnaval de Mariana 2012), além do documentário realizado pelo cineasta paulista Davi Collares, em 28/10/2011.

folkcomunicação, à medida que ampliam o alcance da lenda, difundindo-a e até mesmo alterando-a. No entanto, é preciso deixar claro que os meios de comunicação, embora fundamentais para a alimentação do arquivo *folk*, não são os únicos a fomentarem práticas languageiras em torno da lenda do Caboclo D'água. A rede *folkcomunicação* é anterior e mais ampla do que a rede *folkmediática* em si mesma, embora, nos dias de hoje, ambas caminhem lado a lado com maior ou menor grau de apropriação de uma pela outra.

## Referências bibliográficas

BELTRÃO, Luiz. *Folkcomunicação: teoria e metodologia*. São Bernardo do Campo: UESP, 2004.

BRAVIN, Adriana; MATA, Giulle Vieira da. *Causos que se contam em Minas: a narrativa folkmediática do Caboclo D'água*. Texto apresentado no Intercom – XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Recife, PE – 2 a 6 de setembro de 2011.

BRAVIN, Adriana. *Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressões de idéias*. (Tese de doutorado). Brasília: UNB, 1967, 184 p.

CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso*. São Paulo: Contexto, 2008.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 4. Ed. Rio de Janeiro: Forenseuniversitária, 1995, p. 35-43.

LUYTEN, Joseph. *A notícia na literatura de cordel*. 1984. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1984.

LUYTEN, Joseph. *Folkmiédia: uma nova visão de folclore e de folkcomunicação*. Trabalho apresentado na V FOLKCOM. Santos: maio de 2002.

MELO, José Marques. Luiz Beltrão: pioneiro dos estudos de folk-comunicação no Brasil. *RevistaLatina de Comunicación Social*, n. 21, set. de 1999. Disponível em: <http://www.ull.es/publicaciones/latina>. Acesso em: 07 jul. 2006.

NAVA, Rosa Maria F. D. Folkcomunicação impressa na sociedade tecnológico-midiática. Notícia ou propaganda de fé? *PCLA*, n. 3, out. de 2002. Disponível em: <http://www.metodista.br/unesco/PCLA/revista14/artigos%2014-1.htm>. Acesso em: 12 jul. 2006.

MENDES, Simone. *Um estudo da argumentação em cordéis midiáticos: da enunciação performática à construção discursiva da opinião*. (2011). 278 f. Tese (Linguística do Texto e do Discurso). Programa de Pós-Graduação em Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2011.

O ESPETO. *Amostras de unha do Caboclo D'água são levadas para análise*. Ano XIV, n. 172, 3ª semana de março de 2012.

### **Referências eletrônicas**

<http://maisvoce.globo.com/videos/v/mineiros-estao-a-caca-do-caboclo-da-gua/1549514>. Acesso em: 20/11/2011.

<http://pt.shvoong.com/humanities/1733976-lendas-brasileiras-caboclo-%C3%A1gua-nordeste/>. Acesso em: 25/11/2011.

[www.oespeto.com.br](http://www.oespeto.com.br). Acesso em: 10/03/2012.

<http://www.facebook.com/profile.php?id=100002608741235#!/profile.php?id=100002608741235&sk=wall>. Acesso em: 20/04/2012.

<http://videos.r7.com/criatura-desconhecida-ataca-animais-no-interior-de-minas-gerais/idmedia/4e0c49e7b51aec656aa9ea9e.html>. Acesso em: 20/04/2012.